



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

AVENÇA

Quinzenário * 18 de Dezembro de 1976 * Ano XXXIII — N.º 855 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo *

Director: Padre Luiz

QUE NATAL?

«Olha para as feridas de teus Irmãos e medita, que talvez elas hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus — e daí vem a mentira que tu és.»

PAI AMÉRICO

O GAIATO é uma tribuna sagrada que não se pode profanar. Escrever nele e para ele deve fazer-se como quem reza, disse Pai Américo. Logo, o culto da Verdade é como que exigência ontológica do seu próprio ser. «Revolucionário pacífico» lhe chamou o Fundador, porque comprometido com o Cristo do Evangelho, quer dizer, com todo o potencial revolucionário da fé cristã na sua bipolar fidelidade às leis da transcendência e da história. Estas columnas têm, pois, de estar ao serviço do Homem, denunciando «toda e qualquer modalidade de escravatura» (P. A.), como que fermento na edificação dum mundo novo e mais justo.

O Natal está à porta. O que representa para nós? Como vamos vivê-lo? Qual o lugar dos Outros no nosso Natal? São perguntas pertinentes, entre as muitas que se poderjam fazer, a que temos necessidade imperiosa de dar resposta séria e correcta. A visão de um Deus idealista e de compensação celeste, indiferente às injustiças e aos problemas dos homens, deve ser banida por alienante e deturpadora. O Natal ou é a vivência comprometida com o Deus feito Homem, até às últimas consequências, ou será uma descarada mentira. «Ele não falta quem diga amar a Deus; é muito cómodo e muito barato. Porém, quando chega a ocasião de amar o nosso Semelhante, pergunta-se e quer-se saber primeiro quem ele é, como fizeram outrora os da parábola do Samaritano; e, sem se importar com a lição do Evan-



De coração aberto e olhos arregalados — como os do «Tirololól!» — todas as Crianças suspiram pelo Natal.

Cont. na QUARTA pág.

O problema da Habitação

Festejámos aqui o aparecimento do SAAL e prometemos então «constituirmo-nos assistentes neste processo».

Estávamos no nosso campo. Quando muita gente sabia da existência de curraleiras e barridos e ninguém falava, Pai Américo falou... e agiu. Verdade que ninguém lhe estorvou o passo; nem faltou o preciso para que o Património dos Pobres singrasse, sem planos nem orçamentos nem promessas de ninguém. Dentro do coração de Pai Américo ardia a chama do amor pelo Povo, sobretudo pelos seus filhos «mais caídos, mais abandonados». Eis o motor de todo um dinamismo que se desencadeou e alastrou por esse País além até às terras longínquas do Ultramar.

Ora o amor não se diz. É. Se é, incendeia o coração do Homem em labaredas que lhe iluminam a inteligência e lhe despertam o poder criativo e o fazem ultrapassar-se em dons que a si próprio o espantam. O amor autêntico não confunde o sujeito com o objecto: está nos antipodas do amor-próprio, manifeste-se este na procura de glória ou de proventos.

Prometemos assistir ao processo SAAL e fomos-lhe seguindo os passos nos primeiros meses de existência. Fomos... até que o processo começou a turvar-se e nós a não entender e a gerar-se mais uma desilusão sobre uma iniciativa que podia ser fértil.

Lemos há pouco que o SAAL foi extinto. Ouve-se muita coisa; mas, de fonte limpa, não

sabemos porquê. Tão-pouco o que o processo chegou a realizar, pelo menos em meios urbanos, que aos rurais parece nem ter chegado. E é pena que não. Talvez por aqui fosse mais fácil e eficaz aquela «selecção das iniciativas» que «a insuficiência de recursos e a falta de experiência em operações deste tipo» recomendava como regra de prudência, para evitar malogros. Recorde-se que nesta profunda crise da construção civil — que várias vezes se anunciou ir ser debelada com medidas que envolviam milhões e ainda não foi — foi a construção de pequeninas moradias por essa província em fora que deu certa vida ao sector.

Cont. na QUARTA pág.

Malanje

● No Planalto Malanjino despontou a Primavera. Tudo verde!! Já não se vêem os tocos das queimadas e os regatos correm.

Nos campos, as mibangas prometem desfazer-se em milho, mandioca e feijão. Para longe a fome..., que o povo se dá com entusiasmo à produção. A nossa Casa tem sido um exemplo para as aldeias. E, na medida do possível, temos dado alguma ajuda.

● É nos domingos que noto nos mais pequeninos uma grande sede de carinho.

Como como o café mais tarde, lá estão eles a rodear-me. Depois vão comigo às sanzalas. À tarde não me largam — que os leve a passear, que querem ver revistas... Durante a semana engolfo-me na vida e são só umas festinhas de raspão.

Tantas senhoras que podendo ser mães..., os acompanhariam todo o dia!

Umam têm a sua família...

Outras a sua casa...

Aquelas os seus complexos...

Todas a sua própria vida.

Quem não perde a sua vida... Se o grão de trigo não apodrece...

Então?

Depois é a nossa e a dos outros que encontramos.

● Trouxe para a sala de curativos, onde faço de médico improvisado, um saco de leite. Quando são bebés, vou ao saco. Maravilhas. Leitinho.

● Quando, ao lusco-fusco, entro na Capela para dizer ao Senhor os recados da tarde, e o Lupicínio me vê — lá está ele a meu lado. Sento-o no regaço e quase logo adormece. Hoje adormeci com ele. Que regalo de soninho ao calor do Borralho!

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

OUTONO — Estação que poderia ser bem menos fria, mas, enfim, a Natureza é a Natureza.

Nesta estação do ano, mais propriamente nos meses de Novembro e Dezembro, é altura de nos atarefamos com a recolha da azeitona. O tempo chuvoso, frio e escuro, não tem contribuído nada para que esta tarefa fique arrumada. Na quarta-feira, 1.º de Dezembro, nós esperávamos que fosse um grande dia de azeitona; tinham vindo todos os rapazes estudantes em Coimbra, uma vez que era feriado nacional e, em consequência disso, não havia aulas. Estava tudo planeado. O dia dividido em horas para trabalhar, refeições e recreio. Logo neste dia é que o tempo se havia de mostrar adverso ao nosso querer!

Parte da azeitona, embora seja pequena essa parte, já tinha sido apanhada anteriormente.

A azeitona este ano é pouca e, em meu entender, não se deve desperdiçar muita; aliás, foi coisa que nunca fizemos.

Esperamos, ainda, um dia mais limpo do que os que correm, para ver se conseguimos apanhar o resto da azeitona. Embora sejam muitas oliveiras, pouco têm.

Vejamos se uma oportunidade nos surge!

OBRAS — Estão em construção. No lugar onde estava a serralharia, uma pequena biblioteca, um bar, uma alfaiataria, barbearia e sapataria. Em lugar da velha carpintaria está em construção um grande salão, que servirá para as nossas festas em família e não só. No Inverno não é nada agradável andar ao frio e à chuva; podemos adoecer. Se bem que a malta é quase blindada... Bem, o salão como é grande, a rapaziada poderá correr e saltar sem correr o risco de ficar de cama.

No decurso das obras, muitos e variados são os trabalhos que a malta tem realizado. Mas vale a pena. Um dia mais tarde sabe bem dizer: «Olha; deu-me muito trabalho!»

Benjamim

CASAMENTO

— Olha o Fernandito!

— Estás bom Quinzinho?

(Diabo, que não perde esta mania. E eu que não gosto nada de ser Quinzinho.)

— Olha; esta é a minha esposa. Hum, hum! O Fernandito casou e está tudo dito. Quem haveria de dizer? Aaaah!!!

Quem se lembra do Fernandito? Não, não falei para vocês. Cá em Casa, quem poderia deixar de conhecer o Fernandito?!

Mas para vós, amigos, que de certeza o conheceis. O quê, não vos lembrais?... Bem, eu dou uma ajudinha.

Há uns tempos atrás houve nas Festas umas castanholas; essas castanholas pressupõem umas mãos para as tocar; e essas mãos não se imaginam sem o Fernandito.

Ah! castanholas!... Recordo em tempos... velhos tempos de escola! (Bolas, daqui a dias tenho cabelos

brancos! Então eu andei com o Fernandito na 2.ª classe.) Pois nesses tempos o Fernandito subia ao palco. Chamava o «Perigoso» (grandes amigos... e terreco-teco nas castanholas e «canta Perigoso!!!»

E as castanholas até fados acompanhavam.

No dia do casamento o «Perigoso» e todos os convivas cantaram com o Fernandito até mesmo ao fim do dia.

E nas Festas:

— Se não canta o «Perigoso», canto eu!

E cantava; não era a mesma coisa, mas quase!

Então, já sabem quem é o Fernandito? Bem, então não sei como vos dizer quem é. Esperem! Para as pessoas de Argamil ainda vos posso dizer mais: foi numa Festa, aí. Era para começar a peça «Gota de Mel». Estávamos todos no palco, direitos, quais estatutas. Mandámos abrir o pano e o Fernandito lembrou-se de ajudar um bombeiro a puxar a corda; só que se enganou e as vítimas foram os que estavam no palco, pois o Fernandito em vez de abrir o pano abriu uma clarabóia cheia de água que por azar caía mesmo sobre o...

Lembras-te Chico-Zé?

Meu Deus, que balde de água fria!

Mas o Fernandito agora é um senhor..., casado com Deonilde, casamento celebrado na Missa a que presidiu o nosso padre Horácio.

Mas recordar é viver. Sejam felizes.

Lita

Tojal

CONVÍVIO — Por iniciativa de um senhor engenheiro muito nosso amigo, tivemos entre nós no dia 13 de Novembro um grupo de Trabalhadores da empresa STET.

O grupo percorreu as nossas instalações e tomou conhecimento de toda a orgânica da Casa.

Como havia sido previamente combinado, na segunda parte do dia realizou-se um desafio de futebol, enquanto que, ao mesmo tempo, alguém

se encarregava de assar as castanhas trazidas pelos visitantes.

O encontro de futebol terminou com o resultado de 3-2, favorável a este simpático grupo.

Como é hábito generalizado, em reuniões de amigos, viemos a reunir-nos no refeitório para saborearmos as castanhas assadas, regadas com uma água-pé de primeira categoria.

E chegou o adeus. No semblante de todos, a alegria de um dia bem passado, de um encontro fraterno e o firme propósito de nos voltarmos a reunir.

Para que saibam: na altura em que vos escrevo já está marcada a nossa ida à STET. Depois vos contarei como foi.

CAMPO — Era costume todos os anos, por esta altura, ainda termos azeitona para apanhar. Uma vez mais, outras menos, mas ainda tínhamos. Este ano, porém, a apanha da azeitona foi fraca e rápida. Embora não tão rápida quanto deveria ter sido pela quantidade recolhida. Mas isso são problemas de ordem interna...

O certo é que no início houve grande entusiasmo. As oliveiras à beira da casa estavam carregadas e isso fazia prever uma colheita farta, ainda que morosa.

Pouco se colheu, repito. No olival, com cerca de 200 oliveiras, praticamente as árvores não deram nada. O total de quilos ronda 1290, equivalente a cerca de 150 litros de azeite. O que se vê, e certamente compreendem, que para uma Casa como a nossa é muito pouco.

Mas a vida no campo não parou. Estão semeadas as ervilhas, os alhos e as favas, enquanto os citrinos começam a amadurecer e aparecem às refeições.

Luis Eduardo

FUTEBOL — A actividade neste sector tem aumentado depois de um convite que aqui fiz.

Desde o grupo de melhor categoria, passando pelos juvenis e até mesmo os infantis, todos têm tido vários encontros.

Vencendo uns e perdendo outros, tudo tem sido desporto. Mas não só...

Algo mais tem ficado, como semente lançada à terra; e que, à medida que o tempo passa, esperamos a sua germinação.

PEDIDO

Para uma família com cinco filhos é necessária — e indispensável — uma máquina de tricotar, nova ou usada mas em bom estado.

A premente necessidade — como é óbvio — resolverá os problemas desta família numerosa.

Creio ser escusado justificar porque me dirijo aos estimados Leitores, face ao nosso interesse de podermos ser úteis a quem precisa...
Aguardamos notícias. Obrigado.

Jorge

SÚPLICA

Deixai-me ver as estrelas refulgentes
Nua noite inofensiva de lua cheia.
Deixai que o meu olhar se estenda
Até penetrar nas montanhas de prata
Para as poder abraçar.
Deixai que o meu sorriso se difunda
Por aquelas cidades sem conduta...
Enquanto vejo as crianças brincar
Livres e felizes.
Deixai o vento acariciar meu rosto
Com sua voz cantante
Nua manhã suavíssima
Como as de puro Agosto.
Deixai-me ser grata paz
E na terra matar a guerra
— E serei eternamente boa raiz.
Deixai-me voar sem compromissos
E neste mundo cheio de astúcia,
De medo, de traição e angústia
Prestar bondosos serviços
— E serei livremente feliz.
Deixai-me ser o coração dos homens
E através das injustiças - justiceiras
Curar a justiça - injusticeira
— E serei verdade, razão e amor.
Deixai-me ser a proa de um barco
Onde se senta e trabalha o pescador
Perdido no mar alto
— E serei boémio cantor.
Deixai-me ser as ondas do mar
Porque vejo nascer tristemente
Duas lágrimas nos olhos teus
E quero-as afogar.
Deixai os grandes e pequenos rios
Estabelecer diálogo comigo,
Pois também eles têm sua história...
— E seremos estranhamente amigos.
Deixai-me vegetalmente só
Como qualquer outro ser
Que nasceu na terra molhada e no pó.
— E serei a beleza interior
Duma singela flor.
Deixai as árvores ser minhas irmãs...
Porque me manda a religião cristã
Com toda a sua pureza
Amar os homens e a Natureza.
Deixai-me trazer na alma
As mágoas e as alegrias dos outros.
— E serei poeta.

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

FELIZ NATAL — O vicentino estava delirante. Até os olhos riam!

— F. já recebeu a pensão de reforma! Foram oito contos e tal.

— Tanto?!...

— Com os atrasados...

— Assim está bem.

— O homem, satisfeito, reconheceu, porém, que não deram à esposa tudo o que ela teria direito, desde o primeiro requerimento. E protestou novamente. No entanto — disse — mais vale pouco do que nada...

— Isso é verdade!

Referimo-nos ao caso citado na última edição.

Gostamos sempre muito mais de uma boa notícia do que o relato negro da opressão ou da marginalização a que os Pobres — ainda hoje!... — são votados.

E, d'alma aberta, o nosso interlocutor continua:

— Se não fosse o mau tempo já teríamos levantado a retrete ao nosso amigo. Mas num dos próximos dias livres, se não houver contratempos, se Deus quiser, o tractor irá de borla levantar o material. E a obra faz-se imediatamente.

É mais uma. Aquela família só agora chegou o Natal! Pela Caridade, que repôs a Justiça no seu lugar.

A Justiça é a nossa preocupação. Por isso a gente sangra com os problemas da velhice, da viuvez, dos sem-casa, dos analfabetos, de todos os Pobres que sofrem imerecidamente.

A Justiça é a nossa preocupação. Terá de ser a preocupação de todos os baptizados. Cristo é o Mestre. Os outros, na opinião de Pai Américo, são mestrícios.

PARTILHA — O Feliz Natal prolonga-se no meio dos nossos Leitores.

Não quereríamos deixar de sublinhar, logo de entrada, a oferta oportuna de um companheiro de trabalho pelos Outros; noutro campo, aliás. Mas tudo vai dar ao mesmo, desde que seja feito com os olhos no Mestre.

— Tenho um saco de arroz para os vossos Pobres!

Apanhados de surpresa, ficámos suspensos. E, ainda que os novos profetas não gostem, apreciámos sobremaneira o possessivo, no plural. Mal iria o mundo se não tomasse como seus todos os Pobres...!

— Como te lembraste disso?!

— Não contava receber determinada maquia, congelada, e lembrei-me dos vossos Pobres.

— Foi na hora, meu rapaz; na hora! Vem aí o Natal. Será para a Consoada dos Pobres.

Eles não teriam arroz mais sabroso. Porquê? É fruto de uma renúncia. É Natal!

— Agora, vem lá a procissão.

Envelope discreto, da assí. 19177, entregue no Lar do Porto. Alto lá! Passam 400\$00 que, segundo a nossa Amiga de Castelo Branco, «embora fruto de uma promessa podem ser



Os filhos do Melo, da nossa Casa do Gaiato de Benguela — Angola.



RETALHOS DE VIDA

O «Felgueiras»



Vou contar, muito resumidamente, aquilo que sei da minha vida.

Nasci em Vila Cova da Lixa, Felgueiras, aos 21 de Agosto de 1960. Aí vivi com meus pais até à idade de dez anos em condições bastante precárias.

Somos três irmãos. Dois rapazes e uma rapariga. Éramos seis mas três morreram. Meu pai, jornalista de profissão, sofria de hemorragias de sangue e perda de urina. Ao ser operado à bexiga ficou inutilizado, vindo a falecer algum tempo depois de eu vir para a Casa do Gaiato.

Sem possibilidades de trabalhar e sem assistência de qualquer espécie, meus pais viram aumentar as dificuldades na vida. Perante esta situação, a que se acrescentaram algumas fugas minhas de casa, meus pais com a ajuda de pessoas amigas encaminharam-me para a Casa do Gaiato do Tojal, onde me encontro bem.

Estou cá há cerca de seis anos. Quando cheguei, tinha a 3.ª classe. Mas a professora entendeu transferir-me para a 2.ª classe. Estudei então e trabalhei, ao mesmo tempo, em várias obrigações, de onde destaco a rouparia, o campo e também a venda de O GAIATO.

Estou agora no 2.º ano da Telescola. Espero, à semelhança do ano anterior, conseguir boas notas. Queria, pelo menos, tirar o 5.º ano.

E acaba aqui a minha história. Para todos vós, estimados Leitores, cumprimentos do

António José Gonçalves Teixeira (Felgueiras)

«PÃO DOS POBRES»

O PÃO DOS POBRES continua a ser pedido e devorado pelos Leitores de O GAIATO.

O certo é que as pessoas não se limitam ao 1.º volume, ora lançado. Uma parte quer a colecção completa do título; ou seja mais o 2.º e 3.º volumes. Mas o 2.º já está a ficar no fim! Quando estas linhas saírem à luz do dia, não haverá, com certeza, mais do que vinte exemplares.

No rumo que nos propusemos, e sabendo que ninguém melhor do que o Leitor para expressar o interesse pelas obras da nossa Editorial, particularmente as da autoria de Pai Américo, aí vão mais uns breves extratos de correspondência que, diariamente, chega às nossas mãos.

Não são nacos de prosa. Mas pedaços d'alma. E o Pai Américo mais não fez do que isso mesmo: despertar nos homens os valores eternos. Sem intelectualismo. A moda do Mestre.

Diz um engenheiro civil do Porto.

«Nada vos dou, mas não me esqueceis! É sempre com muito interesse e alegria que recebo

uma obra vossa; como agora, o PÃO DOS POBRES.

Já outras recebi e com ela se acomodam num canto da minha pequena biblioteca, constituindo um núcleo precioso para o homem que embrenhado numa sociedade de consumo, em vertigem, possa aperceber-se que o sentimento religioso e fraterno jamais deixará de existir, embora por vezes oculto na vivência quotidiana por crises gravíssimas de desencontro do verdadeiro Homem consigo próprio.»

Agora, ouçamos uma Mãe, por sinal a Assinante 16122:

«(...) Todos os livros da vossa Editorial têm sido fochos de Luz que entraram em minha casa. Como tenho quatro filhos, de vez em quando leio-lhes ou falo-lhes de passagens desses livros. Alguns começam a mostrar grande interesse por vós e pelos vossos problemas e isso alegra-me, pois não desejo criar seres humanos que só pensam em si, mas que

saibam debruçar-se sobre os problemas dos Outros e que saibam dar amor aos Outros.»

Linda-a-Velha:

«Recebi o 1.º volume do PÃO DOS POBRES que me deu uma grande alegria. Era este que faltava à minha colecção. Logo que o recebi, li-o, e não dum jacto, mas um bocadinho cada dia para saborear; e, saboreando esta prosa tão humana e tão divina, fico sempre com vontade de ser melhor, de poder fazer alguma coisa mais do que faço por aqueles que sofrem. E como sinto também a mim que o faço quando damos um pouco de nós próprios aos Outros, se o damos com o coração recebemos muito mais, pois só contribuindo para a felicidade dos Outros poderemos ser felizes e sentir que valemos alguma coisa.»

Até à próxima, se Deus quiser.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

ORDINS

Neste mundo cheio de misérias e de coisas tristes, a que vamos assistindo pelos jornais, televisão, rádio, etc., ainda há casos, embora raros, mas há!, que, por vezes, nos dão uns momentos de sã alegria, na sua simplicidade e humildade.

Passo a descrever um desses momentos, a que eu própria assisti:

Convidaram-me como sendo uma pessoa de família, pois muitas pessoas cá do lugar assim me consideram, devido a estar no meio delas há 18 anos, e fazer por todos o que está nas minhas possibilidades. Um casal ainda novo, passa pouco dos 40 anos, fez as suas «bodas de prata». Trabalham no campo, fazendo ter-

ras que não são deles. Comem o pão com o suor do rosto. A maior riqueza são onze filhos, o mais novo de dois anos. Estão todos em casa, ajudando os pais no amanho das terras.

Ora, os mais velhos resolveram fazer uma surpresa aos pais, enquanto foram para o campo. Acenderam o forno, prepararam um jantar melhorado, onde não faltou o frango assado com as respectivas batatas e o saboroso arroz. Houve doce, vinho do Porto e até champanhe, que um casal amigo lhes trouxe, quando veio dar os parabéns. Este casal amigo, que também faz as «bodas de prata» no próximo mês, tem uma numerosa família, embora dois filhos já sejam casados.

Passámos três horas de alegre convívio no meio de tanta gente nova. No fim da festa rezámos o Terço, pedindo ao Senhor e Sua Mãe a continuação da Sua bênção para este lar cristão.

Como está próxima a Quadra Natalícia, aproveito para desejar Festas Felizes a todos os Leitores de O GAIATO, principalmente aos que nos ajudam com as suas encomendas e alguns donativos, embora poucos, e suas palavras animadoras para continuarmos a nossa tarefa no meio dos nossos Irmãos. Para todos, muito obrigado.

Maria Augusta

empregados conforme for mais necessário». Louvada seja a oportunidade; e a simplicidade!

A «migalha habitual» da assinante 11162, que se despede «até à próxima se Deus quiser». Perseverança!

Mais 150\$00 de um Capitão do nosso Exército «para o que o Amigo queira». É de Viana do Castelo.

De Algueirão, 50\$00 «para a Conferência». São da assinante 4879. O dobro da 5591, do Porto, frisando que «é uma pequena ajuda, mas se Deus Nosso Senhor o permitir, enviarei mais algumas importâncias». Generosidade!

Mais 100\$00 de «Uma professora aposentada». Metade por intermédio da sr.ª D. Sofia. O mesmo, de Lisboa, entregue ao nosso Padre José Maria. Demos a palavra a «Uma assinante do Seixal»:

«No vale de 23/11/76 vai com toda a fraternidade a partilha do meu salário de Novembro e que nunca se esqueça que quem trabalhar pela Paz,

não procurando assegurar a Justiça, nada conseguirá. Disse-o Paulo VI.»

Doutrina oportuna!

«Uma Mãe» envia 500\$00 para aplicarmos no «Pobre que mais precisar. Apenas peço que esse Pobre reze uma Ave-Maria pelas minhas intenções». O mesmo «com o pedido de uma oração pela alma dos meus Pais», entregue no Espelho da Moda. Mais uma presença amiga da assi. 17929. Ainda do Espelho da Moda, recebemos 600\$00 pela mão do assinante 10458. Mais 100\$00 de algures. E, por fim, metade da assi. 28053, que sublinha: «É muito pouco para as grandes necessidades dos nossos Irmãos, mas por agora não posso enviar mais, pois fui despedida do emprego que tinha. Não perco a Esperança. E o bom Deus me ajudará a suportar a minha Cruz» — com letra maiúscula, substantivada. Uma lição para a nossa pequenez!

Santo Natal para todos. E muito obrigado, em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

«Uma voz brada no deserto:

Preparai o caminho do Senhor. E toda a criatura verá a Salvação de Deus».

Andamos atarefados a preparar as festas de Natal. É a grande festa de aniversário da família, especialmente da família cristã.

E a Palavra que o Senhor hoje nos proclamou na assembleia litúrgica veio interpelarnos: «brada no deserto». Brada aos homens teus irmãos, mesmo que te pareçam no deserto. Brada e não de ouvir-te, pois o teu bradar há-de despertá-los.

Há homens no deserto da vida porque não houve vozes que os despertassem. Grita e procura que o teu grito seja a voz de todos os que não têm voz: voz dos abandonados, voz dos famintos, voz dos marginalizados, voz dos inocentes, voz dos perseguidos. Vamos continuar a bradar.

Andamos a preparar o Natal. O Natal para o homem cristão é o encontro familiar com o Senhor. Ao homem cristão incumbe preparar o caminho para que todos os homens encontrem o Senhor.

Há tantos homens perdidos! Há tantos homens sem rumo! Há tantos à procura de mãos

de outros homens! Há tantos responsáveis pelos caminhos dos outros homens e que se julgam inocentes das suas faltas! Temos tantas faltas por omissão!

Só em Deus encontraremos a felicidade plena. E a felicidade plena só a gozaremos no encontro em Deus com todas as criaturas.

Nenhum de nós consegue ser plenamente feliz sozinho. Só seremos plenamente felizes quando participarmos da felicidade dos Irmãos que ajudamos a ser felizes. Os egoístas, os instalados, os senhores deste mundo não verão a Salvação de Deus.

E nós queremos que a nossa voz escutada ajude a preparar o caminho do Senhor; e queremos ajudar os homens nossos Irmãos a encontrar esse caminho. Nós queremos que todos os homens nossos Irmãos vejam a Salvação de Deus.

Nós queremos que todos os homens nossos Irmãos tenham Natal. Bom Natal.

Padre Horácio

QUE NATAL?

Cont. da 1.ª página

gelho, cada um sai a cuidar de si, dos seus negócios, da sua casa, dos seus berloques — deixando ficar na estrada, caídos, os Irmãos estropiados!» (P.A.).

A Verdade e a Justiça perturbam muita gente. Sem elas, porém, jamais haverá projecto humano capaz de enfrentar as questões sociais. Pouco importa que os políticos, muitas vezes de pantufas e ao calor da lareira, se multipliquem em discursos e em palavras que mais não são, em geral, do que a defesa de interesses mesquinhos, de grupos ou de partidos. Mas supostas a Verdade e a Justiça, para um cristão, «diante da miséria de nossos Irmãos, toda a política deve ceder à única política fecunda e verdadeira: a política do Pai Nosso.» (P.A.).

As Crianças abandonadas e ilegítimas vão aumentando; a prostituição e a degradação da mulher crescem a olhos vistos; as pessoas sem casa ou abrigo condigno ultrapassam os milhões; o uso de estupefa-

cientos e o aborto são normas comuns; os velhos desamparados ou desrespeitados constituem grave problema; os desempregados e os que não querem trabalhar pululam pelas ruas ou vegetam nos locais destinados ao trabalho; os espoliados injustamente dos seus bens ou os afectados por uma descolonização mais do que discutível são às centenas de milhares; os doentes sem hospitais ou cuidados adequados, aguardando penosamente os últimos momentos, são em caudal; viúvas e reformados, com pensões ou reformas de miséria, mal conseguem sobreviver; presos ou simplesmente em liberdade condicional, muitos dos nossos Semelhantes aguardam que lhes seja feita justiça há anos; há gente com fome por esse País, embora muita boa gente não queira acreditar, na sua olímpica abundância ou no banquetear amiudado, tantas vezes, à custa do erário público; o clima de ódio e de inimizade é dramático e real constatação de todos os dias; a criminalidade atinge

cada vez maiores índices. Eis uma triste resenha, ainda que não exaustiva, das desgraças e misérias que se abatem sobre a Terra portuguesa, para lá de tudo o que se passa por esse Mundo, e que não devemos nem podemos também ignorar.

Que Natal? Como poderão vivê-lo, aqui e agora, as legiões de miseráveis e de torturados que proliferam à nossa volta? Qual o nosso estado de espírito, nós que temos o essencial à vida, para já não falar dos que se afogam na abundância, mesmo ditos revolucionários? Que vamos fazer e qual o alcance do nosso compromisso com os Irmãos? Atirar as culpas para os outros é fácil, quando, afinal, todos somos responsáveis. Importa antes que saibamos ver em cada um dos que sofrem o Cristo incarnado, o verdadeiro e autêntico Libertador dos Homens, permanente presença de Deus na Terra através do mistério da Sua Morte e Ressurreição. Lutar contra a miséria empenhadamente, pugnar pela Justiça e pela Verdade contra todos os egoísmos ou mentiras, agora e sempre, já, é uma exigência elementar, na visão duma escatologia que se virá a consumir, mas, de facto, realmente iniciada neste mundo. Fora desta perspectiva, risquemos o Natal do calendário,

já que nada representa como compromisso e como vida.

O GAIATO tem de denunciar os atropelos ou lacunas, numa linha de fidelidade ao seu Fundador. O amor à Verdade assim o exige. «Que os meus sucessores jamais descubram os Pobres; eles são a causa da nossa riqueza. Da riqueza da Obra da Rua.» (P.A.). Quem escreve estas linhas nunca fez aquilo que devia e podia pelos seus Irmãos. A sua «missão não é apedrejar; que o faça quem não tiver culpas»; mas entende que deve assumir as suas responsabilidades, sem complexos doentios, mas

com a firme decisão de se comprometer mais e melhor com «a causa da nossa riqueza», repudiando «a mentira que tu és»... A esperança que se desprende da época natalícia tem de ser vivida e partilhada por todos, pois enquanto tal não suceder, o Natal será mero folclore. Por isso, O GAIATO, tribuna sagrada que deve ser para os que nele escrevem, sem subtilezas nem ambiguidades, sofismas ou insinuações mesquinhas, individuais ou colectivas, que só o atraíam, deixa frontalmente à consciência de quem o lê e faz a resposta à pergunta: que Natal?

O problema da Habitação

Cont. da 1.ª pág.

Se o SAAL visava «o apoio às autarquias para assistência técnica a iniciativas de populações mal alojadas em ordem à solução do problema habitacional», não faltava nos meios rurais a matéria-prima a trabalhar e, com certeza mais que nos meios urbanos, iniciativas puras de populações menos contamináveis pelos interesses políticos que dividiram e esterilizaram tantos projectos de bom alcance.

Também a pequenez dos meios diminuiria o risco da deterioração progressiva que levou ao desmoronamento do SAAL.

Verdade que responsáveis

pelos autarquias também se não interessaram por chamar ao seu seio o Apoio Ambulatório Local que lhes era oferecido. E, se alguma excepção se verificou, infelizmente serviu para confirmar a regra.

Não adianta agora lamuriar. A ideia era válida. Há que ressuscitá-la, com outro nome talvez, com outra gente, com uma isenção que a primeira tentativa não conheceu ao ser ensaiada.

Que os novos autarcas a elege dentro de dias, a não esqueçam e a reclamem do Poder Central. Será um bom serviço às populações a que se devem.

Padre Carlos

Novos Assinantes de O GAIATO

Cresce o número de leitores-avulso que resolvem, e muito bem, inscreverem-se como assinantes de O GAIATO.

Cruz de Pau (Amora):

«Gosto do vosso jornal, pois traduz o trabalho da vossa Obra. Como só quando vou a Lisboa o posso comprar, nesta banda do Tejo nunca o vi, resolvo pedir a sua assinatura, uma vez que tem o porte pago...»

A referência ao porte pago tem a sua piada!

Uma vez tomado o gosto, nem todos são capazes de ficar sem a presença regular de O GAIATO...

Ouçam Paço d'Arcos:

«É sempre com certa dificuldade que reatamos a correspondência com parentes ou amigos após prolongado silêncio. E isto porque há, nessa circunstância, um mundo de coisas a dizer...»

E é essa dificuldade que estou sentindo: reatar convosco o diálogo interrompido há anos, por circunstâncias várias. Mas só por correspondência; visto que, desde que a vossa Casa se fixou no Infulene (1967) a visitámos e acompanhámos com o carinho e interesse a que estais habituados. O jornal vendia-mo o Ezequiel. Deus o guarde.

O GAIATO continuou a ir para minha morada em Lourenço Marques, em nome de meu Pai; apesar de o Senhor o haver chamado já em Janeiro/1972. Mas agradava-me ver chegar o «Famoso» em nome de quem tanto o apreciava! Por tal motivo, se não estiver já retirado dos vossos ficheiros, gostaria de manter

o n.º de assinante 20638; mas, claro, mudando agora o nome de meu Pai para o meu.

Desculpai a extensão desta, mas era uma justificação que vos devia.

Foi a vinda de Moçambique (País onde me criei desde os 6 meses de idade, onde pensava envelhecer e morrer) e a desestabilização sentida; tem sido a incerteza de fixação de residência (a qual se mantém). Mas sentimos — minha mãe e eu — que a leitura regular de O GAIATO é uma necessidade que se impõe...»

Os erros dos homens pagam-se caros!

E que dizer dos Emigrantes? Temos em mãos uma saborosa carta de Hilden, da qual extraímos o seguinte naco:

«(...) Sou imigrante. Sou da classe pobre e de família humilde. Aqui, estou só. A minha família está em Portugal. Também lá tenho um pequeno. Estive três anos em Moçambique e alguns dias em Angola. Gosto de ouvir falar de lá; e dos que lá estão. Só é pena que não exista ainda a Paz verdadeira. Era tão bom e bonito sermos verdadeiros Irmãos!»

Eu já ouvi falar algumas vezes da Casa do Gaiato, das Obras de Pai Américo. Mas a verdade é que nunca liguei muito. O mês passado li O GAIATO que chegou para um colega; e gostei. Hoje, tornei a receber e a ler. E antes que passasse mais tempo peguei logo na caneta. Pois também quero que me enviem o jornal. Mandem mais do que um, porque outros também não conhecem esta

Obra, como eu não conhecia...»

Não quer o Bem só para si. Mas partilhado. Aqui está o valor.

E os modos entusiastas com que se dirigem a O GAIATO! É uma viseense «dos primeiros tempos do Padre Américo» que, apesar de «também muito velhinha», manda «uma boa assinante». É o n.º 3715 que vem «com grande prazer» solicitar o «Famoso» para um doente. É uma leitora de Arrifana (Vila da Feira) que «gostaria de ser assinante, pois estava habituada a ler O GAIATO há muitos anos. Meu Pai era assinante em Lourenço Marques». E termina «com votos de que a Obra continue sempre a dar os melhores frutos e que o seu exemplo continue a ser testemunho vivo da Doutrina de Jesus, caminho verdadeiro e único para o bom entendimento entre os homens e as nações».

Agora, Penamacor:

«Espero que se dignarão incluir-me, de futuro, no número dos assinantes, que eu procurarei divulgar O GAIATO. Li-o; e comoveu-me a sua leitura pela grande Obra cujo alcance moral é digno de apreço.»

Recebemos, ainda, novas inscrições de Valongo, Setúbal, Aldeia Nova de S. Bento, Coimbra, Mealhada, V. N. Famalicão, Braga, Ovar, Póvoa de Varzim, Paços de Vilharigues (Vouzela), Vila do Conde, Gúmei (Viseu), Porto e Lisboa uma data delas, S. Paulo (Brasil) e Toronto (Canadá).

Um mundo de gente!

Júlio Mendes

PARTILHANDO

É tão difícil saber escutar, como difícil é dar. Saber dar o pão, olhando de mãos vazias... Escutar os anseios, de coração bem cheio! Não será este o caminho que ainda falta percorrer, para que o Natal de 1976 seja mais doce?

É mais isto e mais aquilo que faz com que os homens não se olhem como Irmãos.

As crianças caminham já para o Natal com a alegria de sempre. Nelas está o sonho da Humanidade inteira de querer realizar o Amor. Por elas, o Natal há-de ser uma realidade viva. Um dia virá em que os homens cansados de dizer não aos valores importantes da vida, hão-de acreditar... e nós, muito à distância, digamos já que esperamos positivamente esse tempo. Tempo de Justiça e Fraternidade. O Fim... E o Princípio também. O Menino Jesus não será mais O das palhinhas. A história do sapatinho na lareira, acabará. Os meninos não mais construirão presépios de musgo e terra. Só se eu me enganar muito...; ai que já estou a ouvir alguns dizer: — Oxalá que se engane! Não.

Então o Presépio será o rosto feliz de cada criança a brincar alegre e igual, em cada esquina, em cada rua, no grande parque do Amor, onde até os Homens brincarão como em família.

«Será assim. Acredito. Um sonho lindo!»

Padre Moura



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa